

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14594 - Painel Temático - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

Painel Temático

ETNOCOMUNICAÇÃO NOS COTIDIANOS DE POVOS E ESCOLAS NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL

Simone de Lucena Ferreira - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Leonardo Zenha Cordeiro - UFPA - Universidade Federal do Pará

Guilherme Gitahy de Figueiredo - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Sandra Virgínia Correia de Andrade Santos - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fapitec-SE

ETNOCOMUNICAÇÃO NOS COTIDIANOS DE POVOS E ESCOLAS NO NORTE E NORDESTE DO BRASIL

Leonardo Zenha Cordeiro

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Guilherme Gitahy de Figueiredo

Universidade Estadual do Amazonas (UEA)

Sandra Virgínia Correia de Andrade Santos

Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (Seduc-SE)

Coordenadora: Simone Lucena (UFS)

Resumo: Este painel apresenta três pesquisas desenvolvidos por pesquisadores do norte e nordeste do Brasil, relacionadas à comunicação, educação e tecnologias digitais. O primeiro explora a relação dos povos indígenas com as tecnologias, buscando novas formas de pensar e fazer na pesquisa e nos processos formativos. O segundo traz, por meio das narrativas orais,

conceitos e teorias que possam ser referências para futuras pesquisas na área da educação e comunicação. O terceiro estudo visa compreender as culturas digitais nas aulas de Língua Portuguesa e suas ressonâncias para a formação docente, utilizando diferentes dispositivos e perspectivas teóricas. As três pesquisas destacam a importância da comunicação e da educação, em diferentes contextos e territórios, e a necessidade de explorar formas de pensar e fazer com as tecnologias, bem como a diversidade teórica da comunicação, da educação e das culturas digitais.

Palavras-chave: culturas digitais; povos indígenas; comunicação; educação;

Etnocomunicação como dispositivo cotidiano de luta dos povos indígenas e uma outra comunicação/educação

Leonardo Zenha Cordeiro

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Esse trabalho é um recorte da pesquisa de pós-doutorado envolvendo a etnocomunicação no/dos povos indígenas. A motivação da pesquisa tem como ponto de partida, e agora uma “chegada”, as experiências envolvendo as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), com os usos de imagens, vídeos, softwares, usos de plataformas e redes, construção de conhecimento sobre a cibercultura, voltando para as questões dos povos originários. Para isso as atividades foram sendo direcionadas e desenvolvidas na perspectiva de aliança nos campos do conhecimento em educação/comunicação, sendo conduzido com um desejo de novas formas de pensar/fazer (ALVES 2003) na pesquisa e nos processos formativos dentro e fora da Universidade.

A proposta de trabalho teve como foco uma imersão no campo da etnocomunicação, entendendo esse processo vinculado às lutas que têm envolvido a comunicação e a educação no cotidiano comunitário dos povos, e aqui na pesquisa um olhar específico para os povos indígenas — historicamente excluídos e ainda colhendo os frutos negativos da colonização.

Entendendo esse processo na etnocomunicação indígena como uma comunicação alterada na sua forma e conteúdo [...] formação de um eixo identitário que rege todas as experiências indígenas. Tendo esta formação como norte, acreditamos que a etnocomunicação indígena é uma comunicação ancestral, decolonial e étnica que se fundamenta nas percepções de mundo próprias de seus agentes comunicativos. (NASCIMENTO, BASTOS, 2020, p. 26).

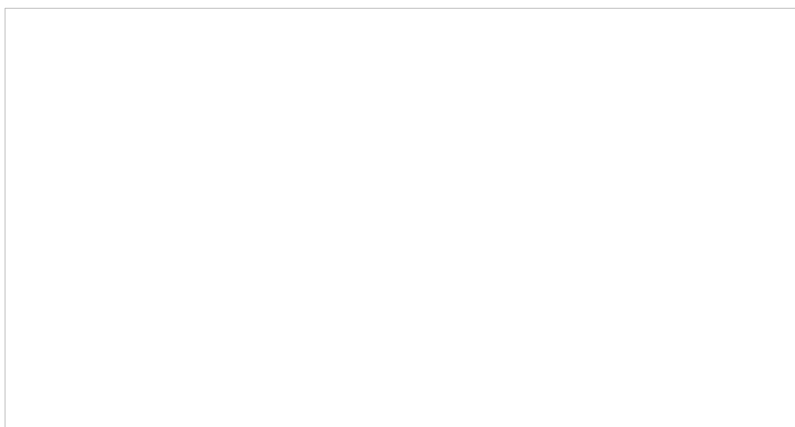
O processo de trabalho de pesquisa foi sendo bricolado com diferentes métodos, perpassando metodologicamente pela pesquisa multirreferencial, a pesquisa-formação (ARDOINO, 1998; SANTOS, 2019), que traz como fundamento o potencial comunicacional/educacional de forma conjunta e de maneira interativa, utilizando as tecnologias digitais e não subutilizando a educação, sendo necessário um investimento epistemológico e metodológico em práticas pedagógicas com ações e um pensar/fazer (ALVES, 2003), abordando a docência e a pesquisa de maneira indissociável. Conforme Santos (2019) afirma, a importância do exercício da pesquisa de maneira conjunta com a formação docente, experimentando processos que agreguem o potencial comunicacional. Essa produção de conhecimentos com o uso do método da pesquisa-formação multirreferencial e com os cotidianos (CERTEAU, 2009), trazendo o respeito à pluralidade, ao encontro com as diferenças, entrelaçando os *saberes/fazeres* acadêmicos com *saberes/fazeres* do cotidiano e dos povos, foi sempre uma premissa nesse caminhar. Ao mesmo tempo estamos imbuídos de uma postura implicada com as lutas dos povos e com processos formativos de aprendermos junto com o outro, ampliando

o olhar sobre nós mesmos e sobre a nossa prática e as questões postas pelos territórios, pelas questões decoloniais, pelas identidades, pela etnocomunicação e educação.

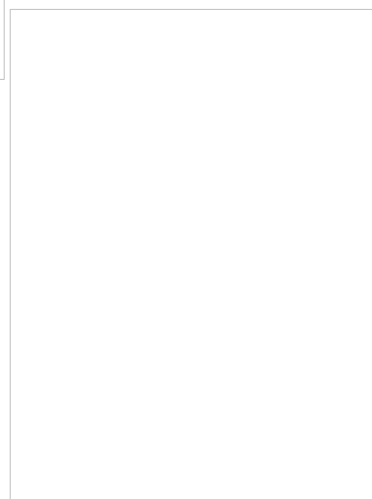
O que a perspectiva multirreferencial produz entre nós é uma convocação veemente e desafiante para aprendermos a lidar com a pluralidade nas suas mais (in)tensas formas de criar a diferença, nos seus mais densos e cruéis jeitos de originar e originalizar a formação pela atualização da heterogeneidade irredutível como modo de alteração. (ARDOINO, 1998 p. 77).

Para que essa proposta metodológica fosse concretizada, foi sendo delineado uma série de atividades e experiências em diferentes espaços/territórios como nas aldeias (Povo Xavante Aldeia Abelhinha - Território Sangradouro entre Primavera do Leste e General Carneiro e Povo Bororo Terra Indígena Tadarimana próximo a Rondonópolis) todas sendo desenvolvidas no Mato grosso. Teve também a presença no Acampamento Terra Livre 2022. Nesse desenvolvimento foram sendo utilizado diferentes exercícios e fazeres com múltiplos dispositivos etnocomunicacionais, como a utilização da imagem com fotografia digital e também com câmera escura, produção de podcast, com o uso da memória oral e o audiovisual, com potencialidades de suas tradições e denúncia de violação de direitos como, por exemplo o desmatamento de área preservada de suas terras. Nesse diálogo/construção da relação comunicação/educação e suas diferentes formas contemporâneas trouxe contigo outras cosmologias e experiências como a relação bilingue português e línguas indígenas.

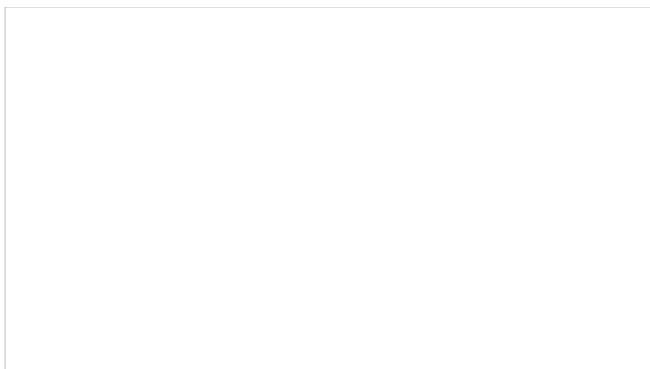
Câmera escura – Povo Xavante (arquivo Pesquisador agosto de 2022)



Câmera Escura – Povo Bororo
(Arquivo pesquisador agosto
de 2022)



Vídeo tendo como conteúdo a ameaça ao povo Xavante e seu território o cerrado pelo avanço do Agronegócio (acervo do autor agosto de 2022)



Nesse contexto, a pesquisa dialogou e trouxe como aprendizado importantes princípios da educação intercultural indígena e a educação escolar indígena que tem como premissa relações mais consolidadas com os princípios e valores de cada sociedade indígena, ou seja, essa participação Universidade, povos não indígenas e indígenas, na tentativa de romper certos parâmetros em outrora consolidados como o saber, a cultura, a identidade e as relações de trocas e compartilhamentos. Outra premissa importante de aprendizado

A formação-ação-intercultural que propõe o Coeduc (Grupo de Pesquisa da UFMT) pauta-se em uma prática pedagógica intencional e planejada para ações que garantam na formação a desconstrução de práticas educativas coloniais e racistas, além de promover a descentralização das relações autoritárias e hierarquizadas que colocam pessoas com diferentes experiências como desiguais e inferiorizadas – como a relação professor- aluno, por exemplo. A formação visa, assim, possibilitar a construção coletiva e individual de identidades que possam ser valorizadas e reconhecidas como potencial de saber e referência para a produção de conhecimentos interculturais e interdisciplinares. (GRANDO, 2019, p.19)

Os objetivos pretendidos nessa pesquisa de pós-doutorado, que no uso da imagem, do vídeo, do áudio e dos textos, surge como linguagem “acessível” a brancos e índios neste processo pedagógico comunicacional que possibilita a criação e cocriação cultural e social, os usos de diferentes dispositivos através de diferentes possibilidades. Importante ressaltar que existe de fundo no imaginário e nas práticas com relação aos povos indígenas a construção/reforço de estereótipos através de imagens durante séculos, utilizadas como complementos em conteúdos na sala de aula e também fora dela, e aqui no circuito tentou potencializar a autoria individual e coletiva. Podemos ressaltar a produção de conteúdos “imagéticos” envolvendo a comunicação, educação e as questões indígenas a - Troca de saberes a partir de práticas potencializadas na perspectiva da educação intercultural e a contribuição para formação de professores indígenas na área da comunicação e educação. Por fim, tendo esses pressupostos decoloniais e anticolonial, compreendemos que a etnocomunicação é integrante de ações e experiências em potencial quando realizada com outros pressupostos e outras formas de pensar e fazer a ciência e a pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. TEIAS, Rio de Janeiro, a. 4, n. 7-8, p. 1-8, jan./dez. 2003.

NASCIMENTO, Letycia G.; BASTOS, Pablo. N.. Etnocomunicação ancestral e decolonial: uma análise sobre a Web Rádio Yandê. Revista Latinoamericana de ciencias de la comunicación, vol. 19, p. 60-70, 2020.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencia (plural) das situações educativas e formativas. In:

BARBOSA, J. (Org.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EDUFScar, 1998.

SANTOS, Edméa. Pesquisa-formação na Cibercultura. Teresina: EDUFPI, 2019. v. 1. 223p

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2009.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencia (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. (org.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EDUFScar, 1998.

GRANDO, B. S.. A formação-ação-intercultural em Cuiabá: processos interculturais de educação que reconhecem a história e ancestralidade da cultura nos 300 anos de ocupação em território bororo. In: B. S. Grando, et alli (orgs.). História e cultura do povo bororo em Cuiabá: contribuições para implementação da lei 11.645/08. Cuiabá- MT: Carlini & Caniato Editorial, 2019. p.30-39.

O pluriversalismo indígena como epistemologia da pesquisa da comunicação

Guilherme Gitahy de Figueiredo

Universidade Estadual do Amazonas (UEA)

É bastante fecunda a ideia de Paulo Freire de que a história é práxis, que é ação e reflexão. Pra ele, o que humaniza é a capacidade de mudança, de transformação, e ela se dá pela ação e reflexão. Só que nunca o mundo se transforma da forma como se esperava, então ele sempre volta com um problema e é necessário reiniciar o processo de uma nova reflexão, uma nova prática, uma nova transformação, e aí o mundo volta com um problema... É um processo infinito, mas viver essa dinâmica é se humanizar. Porém, se esse processo de ação e reflexão não tiver o diálogo, a comunicação horizontal, então inevitavelmente humanos vão tratar outros como objetos. Haverá uma comunicação vertical, autoritária, violência e desumanização. Portanto, só há humanização na partilha da história, e isso se dá no diálogo, ou na comunicação horizontal.

Essa é uma questão que tem sido negligenciada pelas esquerdas, movimentos sociais e cientistas no Brasil. A Igreja Católica trabalha bem a comunicação, e o movimento indígena está avançando bastante, mas, de um modo geral, ainda é muito fraca a atenção que se dá para a dimensão da comunicação por quem busca a humanização. Em grande parte isso acontece porque prevalece no Brasil, muito forte, o conceito de comunicação que vem da mídia de massa, que é a ideia de comunicação como produzir mensagens e passar para um público. Até o final do resumo, veremos que uma raiz ainda mais profunda é a reprodução do universalismo ocidental, e que para desconstruir ela é necessário dialogar com a epistemologia pluriversal das ciências indígenas.

Segundo Mario Kaplún, na própria tradição europeia do latim “comunicação” vem de “*communis*”, que é a mesma raiz de “comunhão” e “comunidade”. É algo compartilhado, que se vive em comum. A ideia de que a comunicação é um emissor produzindo mensagens pra um receptor, evitando ruídos e conseguindo o máximo de eficácia foi produzida a partir da mídia de massa. No começo nem mesmo ela usava a palavra "comunicação", o termo original

era "*mass media*". Mas na medida em que essa indústria buscou se legitimar na sociedade, inventou o discurso de que estaria prestando um serviço através do discurso da "comunicação social", embora estivesse realizando uma comunicação autoritária.

O espectro eletromagnético foi colonizado de forma semelhante ao que aconteceu com os territórios indígenas do mundo. Os rádios, com a primeira geração de amadores, eram aparelhos que não só emitiam. Os mesmos aparelhos eram emissores e receptores. Nos Estados Unidos, por exemplo, teve uma primeira geração de amadores do rádio, os "hams", que conseguiu criar uma rede de comunicação horizontal de costa a costa. O espaço eletromagnético era autogestionário. Eles se organizavam em associações, em clubes. Era muito parecido com o que foi o movimento hacker e de software livre no início da informática e da Internet.

Então, assim como hoje vamos a internet ser colonizada progressivamente por aplicativos corporativos com poderes crescentes sobre as vidas das pessoas, o mesmo aconteceu com o rádio. Os hams foram demonizados, depois foram sendo criadas leis pra restringir o campo de atuação deles, até que, no final, conseguiram limitar eles a uma faixa do espectro muito pequena que se tornou o que a gente conhece hoje como radioamadorismo. O cinema também. No começo era barato, acessível, então havia muito cinema popular. Depois, uma indústria foi centralizando essa produção, reprimindo e tentando inviabilizar a vida daquele cinema mais popular.

Houve a criação da indústria cultural, a *mass media* e ela tentou se legitimar perante a sociedade começando a usar o termo "comunicação". A ciência da comunicação fez o desserviço de trabalhar pra essa indústria e sistematizar, dar uma dimensão mais científica a ela. O Adorno chega a dizer que seria impossível entender o nazismo ou o fascismo dos anos 30 e 40 sem esse rádio já colonizado, transformado em ferramenta de dominação política e ideológica.

A partir do momento em que a comunicação passa a ser vista como transmissão unilateral de mensagens, não resta mais nada aos movimentos sociais a não ser fazer propaganda. Então ficam limitados, porque só vai haver experiência democrática e partilha na assembleia face a face. E, quando começa a utilização das ferramentas tecnológicas, só se faz propaganda. Isso limita a capacidade de diálogo, partilha e construção democrática que esses movimentos vão ter. Empobrece e enfraquece os movimentos.

Em diversas regiões da América Latina como México, Equador, Peru e Colômbia, os movimentos indígenas, sobretudo, têm muito claro a comunicação como comunidade, dialogicidade, partilha. Algo orgânico e constitutivo dos processos de luta e transformação histórica. Isso permite o surgimento de estratégias muito mais coerentes de humanização.

O projeto de pesquisa Tecendo Redes visa conhecer o trabalho de comunicadoras e comunicadores indígenas, quilombolas, ribeirinhos, movimentos populares urbanos e de movimentos de juventude que tão fazendo comunicação dialógica. O intuito é de conhecer o trabalho desses militantes, mas, principalmente, a produção intelectual deles. Muitos são acadêmicos, estudantes e professores, mas boa parte do conhecimento acumulado por essas experiências está formulado oralmente. Está na contação de histórias desses grupos, nos relatos de experiência. Às vezes a pessoa fez a sua dissertação de mestrado, mas não colocou ali todo conhecimento acumulado como militante.

O objetivo é aprender com esse conhecimento das narrativas orais, tentando encontrar conceitos e teorias que podem ser uma contribuição importante como referências para futuras pesquisas na universidade, e aproximando esta dos processos históricos engendrados a partir dos movimentos populares através da mediação dos seus comunicadores. Um dos resultados

da pesquisa está sendo o encontro da diversidade de teorias da comunicação para além da ciência convencional. Kaplún, por exemplo, coloca um antagonismo entre uma visão linear, que corresponde a uma legitimação de uma comunicação autoritária e vertical, e uma visão alternativa, que busca se enraizar numa etimologia do latim para defender a comunicação horizontal. A pesquisa está mostrando há muitas outras maneiras de se fazer e pensar sobre isso.

Um exemplo é o conceito de comunicação como cura, que tem aparecido em várias entrevistas, em diferentes lugares da Amazônia. Em Tefé, Amazonas, um grupo de teatro e produção audiovisual para as redes sociais chamado Magia das Artes, que é liderado por Valdeney Silva Neves. Ele se autoidentifica como gay e tem uma personagem, que é a Safira. Em 2022 ele fez uma apresentação chamada “A arte pode curar”, na qual narrou a história dele, da Safira e do grupo. O Valdeney conta que sofreu homofobia dentro da própria família, e depois muita violência com o primeiro companheiro, que era muito possessivo. O teatro começou a partir de um trabalho de aula: uma professora na escola pediu pra eles fazerem uma peça, eles começaram e não pararam mais. Passaram a apresentar em outras escolas e virou um grupo de teatro. Ele relata que foi a arte, e a criação da personagem Safira, que fez com que se levantasse e se curasse, depois de ter passado por situações de violência e depressão. O fato dele especificar a arte como fonte de cura, indica que, na comunicação, a criatividade é um elemento importante para o processo de humanização.

Outras narrativas ajudam a pensar a comunicação como autoafirmação da identidade. Um exemplo é Joseane Calazans de Brito, comunicadora do Amapá, que é radialista e atua com ênfase na divulgação do trabalho dos mestres de cultura da localidade dela, Mazagão Velho, um subdistrito em que quase todos são negros. A partir desse trabalho de pesquisa, divulgação da cultura e da identidade negra amazônica, ela faz o combate à ideia de que a Amazônia é só cabocla ou só indígena. A comunicação é combate a estereótipos, transformação, autoafirmação da identidade e a autoconstrução do sujeito negro amapaense pro mundo, pra Amazônia, pro Amapá e pro próprio povo do Mazagão, que se vê naquela comunicação e fortalece a sua autoestima e dignidade. Quando esse tipo de comunicação é rotulado como “folclore”, parece não ter incidência nas dinâmicas da história. Porém, trata-se da constituição e fortalecimento dos povos como sujeitos da história.

No Pará, o comunicador Francisco Batista fala da “comunicação da gentileza”. Ele tem uma prática e uma experiência da gentileza como elemento importante da comunicação, para que possa acontecer a partilha. Isso vai além do conceito de comunicação democrática. Começa a entrar muitos outros elementos, o que é coerente com a ideia de que a comunicação é algo muito mais orgânico na história, na vida. No caso dos saberes de Francisco, aparecem elementos como a sensibilidade, a escuta, o acolhimento e a reciprocidade.

A dificuldade para comunicadoras e comunicadores acessarem essa riqueza de experiências e saberes ocorre porque há uma tendência de se projetar ideias estereotipadas umas sobre as outras. Se um coletivo ou grupo de comunicação faz rádio livre, então a tendência é achar que todas as outras experiências nesse formato são versões imperfeitas dela. Ao invés de tentar ver, valorizar as diferenças e aprender com elas, através de um aprofundamento da comunicação, coloca-se a experiência própria como sendo a autêntica, e as outras como versões distorcidas, incompletas ou até falsas.

Essa atitude reproduz a tradição ocidental em que o sujeito pensa a sua estratégia de transformação como sendo universal, única, adotando uma identidade vanguardista. Esse comportamento tem raiz tanto na visão cristã e bíblica, em que há um povo escolhido que está mais próximo de Deus, quanto na ciência europeia, que supõem o universalismo dos seus saberes. Na medida em que vão sendo criadas universidades ao redor do mundo, elas tendem

a ser vistas como formas mais imperfeitas do conhecimento universal. Nas esquerdas, é forte a reprodução da visão de que a transformação se dá a partir do conhecimento científico de origem europeia. Ao tomar para si o seu universalismo, torna-se competitiva, fecha-se ao diálogo e adota a propaganda.

O grande desafio é, pouco a pouco, ir desconstruindo essa disposição que está presente no cristianismo europeu, na ciência moderna e, pouco a pouco, ir aprendendo com outros povos do mundo. Em outras tradições, como na maior parte das ciências indígenas, não há esse universalismo limitante. Há formas pluriversais de se lidar com o conhecimento e a história, modos mais abertos à diversidade de experiências históricas. Quando os movimentos desconstruem a forma mais universalista de ver e vivenciar as coisas, o mundo cresce, se torna riquíssimo. E então começam a aprender mais sobre os caminhos possíveis para reinventar a comunicação comprometida com a humanização e o Bem Viver.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

KAPLUN, Mario. *El comunicador popular*. Buenos Aires: Lumen Humanitas, 1996.

FIGUEIREDO, Guilherme G. e BITENCOURT, Joá. **Uma rede de diálogos que tece a si mesma**: entrevista à Deriva com Guilherme Gitahy de Figueiredo. Manaus/São Paulo: Edua/Alexa Cultural, 2022.

As culturas digitais nas aulas de língua portuguesa e suas reverberações para a formação docente em Sergipe

Sandra Virgínia Correia de Andrade Santos

Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (Seduc-SE)

Na contemporaneidade, as práticas cotidianas com o digital vêm carregadas de criações em rede que estimulam autorias e processos colaborativos (SANTOS, 2021), o que tem oportunizado a construção de múltiplos saberes. A multiplicidade de mídias e linguagens, por exemplo, permite com que haja um movimento de ensino e de aprendizagem que envolve multiletramentos e hibridizações, estabelecendo uma rede de conhecimento que sai do linear e abraça o fluido e acontecimental (LUCENA, 2012).

Dada a importância do digital, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador para os currículos das instituições escolares brasileiras e aprovada em 2017, demarcou o lugar das culturas digitaisⁱ na educação básica. Do mesmo modo, o Currículo de Sergipe, da educação infantil e do ensino fundamental, regulamentado em 2018 pelo Parecer nº 388/2018/CEE e pela Resolução nº 04/2018/CEE, incorporou em seu texto a perspectiva

das culturas digitais presente na BNCC, mas qual perspectiva seria essa?

Com a pandemia da covid-19, reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2020, intensificou-se ainda mais as discussões sobre as tecnologias digitais nas práticas de sala de aula, fomentando reflexões sobre a formação de professores de todas as áreas de atuação, sobretudo de Língua Portuguesaⁱⁱ. Diante dessa realidade, esta pesquisa busca compreender as culturas digitais nas aulas de Língua Portuguesa do ensino fundamental da rede estadual de ensino, com vistas a tecer sobre suas ressonâncias para a formação docente. Para o alcance desse objetivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) Mapear as tecnologias digitais e as práticas desenvolvidas pelos professores de Língua Portuguesa, do ensino fundamental, no período 2020 a 2022; b) Estabelecer correlações dessas práticas com as culturas digitais; c) Identificar as reverberações para a formação de professores de Língua Portuguesa.

Esta pesquisa, de âmbito qualitativo, tem como abordagem metodológica a pesquisa nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2008) e compreende os praticantes culturais como atuantes nas suas relações com o mundo, com as tecnologias e seus etnométodos (COULON, 1995), cuja experiência se constitui como um “movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 2001, p.43)

Com base nesse entendimento, o contexto da pesquisa compreende os anos de 2020 a 2022, período em que os professores da educação básica fizeram uso (in)tenso das tecnologias digitais em suas práticas. Para o alcance dos objetivos, tem-se como participantes da pesquisa professores de Língua Portuguesa de cinco escolas vinculadas à Diretoria Regional de Educação (DRE 02), em Sergipe, e foram instituídos os seguintes dispositivos de pesquisa: o questionário on-line, as com-versações mediadas e os planejamentos docentesⁱⁱⁱ. Os questionários, via formulários on-line, possibilitam acessar informações necessárias para produção de dados, bem como ajudam a compor a caracterização do campo, dos sujeitos e a identificação das práticas. Do mesmo modo, o planejamento docente serve como fonte indispensável para o levantamento das atividades realizadas com as tecnologias digitais durante o período pandêmico.

Com as com-versações mediadas, tem-se um dispositivo que oportuniza ao sujeito com-versar descrevendo e interpretando realidades, fazendo emergir os sentidos a partir do ponto de vista de quem as vivenciou (MACEDO, 2006). Assim, propõe-se ouvir por meio da “escuta sensível” (BARBIER, 2007) para ter acesso a seus dilemas, necessidades, desejos e dificuldades e com eles pensar e refletir sobre as tecnologias digitais enquanto estruturantes de novas formas de pensar, de se relacionar, de se expressar, de criar, produzir e compartilhar saberes, sentidos e significados (LUCENA, 2016). Diante disso, para a análise dos dados construídos, está sendo utilizada a perspectiva das noções subsunçoras (MACEDO, 2006).

Como se trata de uma pesquisa em andamento, é possível destacar alguns resultados parciais. De início, fora feito um estudo do componente curricular de Língua Portuguesa, no Currículo de Sergipe, com o objetivo de identificar a perspectiva das culturas digitais nesse documento norteador das práticas em sala de aula no estado de Sergipe. Nesse estudo inicial, fora identificado que, apesar de o Currículo de Sergipe reafirmar a importância do digital nas escolas, há ausência de detalhamentos ou fundamentação teórica, o que pode levar professores a uma concepção frágil das tecnologias digitais. Essa percepção leva à reflexão de como essas fragilidades podem impactar na sala de aula, uma vez que o currículo alicerça o planejamento docente e sua materialização junto aos alunos.

Pretto e Assis (2008) defendem que a educação não pode ignorar as tecnologias, nem também adotá-las apenas como recursos complementares ou animação frente aos métodos expositivos,

mas como elementos fundamentais nas/das transformações que a sociedade vive contemporaneamente, mediante uma perspectiva crítica e reflexiva. Da mesma forma, para Santaella (2003), a cultura digital deve ser vista como um novo paradigma cultural que implica em novas formas de expressão, criação e comunicação.

Nesse contexto, em relação ao digital, embora as tecnologias já se faziam presentes em uma diversidade de dispositivos antes da pandemia, os professores (in)intensificaram esse uso, bem como inseriram outras como plataformas e interfaces de videoconferência para estabelecer o contato mais próximo com a equipe gestora. Contudo, em relação aos alunos, o acesso a essas plataformas e interfaces não foi possível na mesma proporção, já que a maioria não possuía acesso a uma internet capaz de mantê-los conectados. Essa realidade colocou o *WhatsApp*^{iv} como principal interface a ser utilizada, tendo em vista estar presente no cotidiano da maioria dos alunos e de suas famílias.

Passado o período pandêmico, os problemas de conectividade permaneceram (e permanecem). Os professores sinalizaram que o uso continua restrito aos trabalhos da secretaria da escola, não havendo disponibilidade para os alunos. Essa realidade é justificada pela necessidade de controlar o acesso para que seja possível realizar as tarefas administrativas. Além disso, duas escolas participantes mencionaram estar sem internet, devido a questões pendentes junto ao Conselho Escolar, situação que estava em processo de resolução, mas que até o momento não havia sido resolvido.

Por outro lado, os professores acreditam que as experiências vividas durante a pandemia possibilitaram a “ampliação” dos conhecimentos no contexto digital, pois aprenderam “novas ferramentas^v” digitais e, por estarem mais familiarizados, apropriaram-se de suas funcionalidades e, assim, conquistaram um sentimento de segurança e uma melhor compreensão dos usos. Porém, em virtude da ausência de conectividade e dispositivos na escola, temem cair no esquecimento as suas aprendizagens digitais, tendo em vista que não há como continuar realizando algumas práticas vividas no período de suspensão das aulas presenciais.

Com esses resultados apresentados, infere-se que a concepção de culturas digitais, presente no Currículo de Sergipe, sobretudo no componente curricular de Língua Portuguesa, apresenta uma concepção frágil, instrumental e ausente de fundamentação teórica. Esse fato pode levar os professores a práticas tecnicistas, desconsiderando a dimensão cultural das tecnologias digitais, uma vez que o currículo conduz as suas práticas em sala de aula. Nesse sentido, é importante que haja um debate contínuo entre professores sobre o currículo adotado para aprofundamento sobre as culturas digitais situadas em sua área de atuação.

Se por um lado as experiências vividas no período pandêmico trouxeram inúmeros desafios, por outro oportunizaram a criação e adoção de outras práticas com o digital, que até então não faziam parte do cotidiano escolar, demarcando a relevância de continuar fomentando o digital nas salas de aula, de maneira plural e situada na realidade vivida. Além disso, a pesquisa aqui apresentada defende que o currículo considere as tecnologias como um elemento cultural e não meramente técnico e, portanto, destaca a importância de ser promovida formação continuada que articule as áreas de atuação e as práticas cotidianas com o digital.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alli, 2008.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

COULON, A. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LUCENA, S.. **Culturas digitais e tecnologias móveis na educação**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, nº 59, p. 277-290, jan./mar. 2016.

LUCENA, S. **Educação e TV digital**: situação e perspectiva. Maceió: EDUFAL, 2012.

MACEDO, R. S.. **Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa-Formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

PRETTO, N. L.; ASSIS, A. Ensaio: cultura digital e educação: redes já! In: PRETTO, N.L., e SILVEIRA, S.A., orgs. **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008. pp. 75-83.

SANTOS, Sandra Virginia Correia de Andrade. **Col@b formacional com as culturas digitais**: tecendo redes docentes interativas e colaborativas. 2021. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SERGIPE, Governo do Estado de. **Currículo de Sergipe**: integrar e Construir. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Aracaju, 2018. Disponível em: <http://www.seed.se.gov.br/arquivos/CURRICULO.DE.SERGIPE.v.02-Regulamentado.pdf>. Acesso em 18 de abr. de 2020.

i Nesta pesquisa, adoto “cultura digital” no plural por defender a multiplicidade de práticas culturais com o digital.

ii Optei por este campo curricular devido à experiência profissional e formativa.

iii Os planejamentos docentes são registrados na plataforma SIAE, mantida pela Secretaria de Educação de Sergipe, e com acesso mediante a disponibilização das escolas.

[iv](#) Aplicativo para mensagens instantâneas e multimodais.

[v](#) Expressão muito utilizada pelo Currículo de Sergipe e utilizada pelos professores ao se referirem às tecnologias digitais.